

Manuel Maria, respeitável procurador como sei que é a sua profissão oficial (poeta lírico é só nas horas vagas, diz ele...) com nome nas antologias, com *los pies bien sentados en el momento e el mundo que es el nuestro*, como diz de si Fernandez Molina, colaborador de

jornais e revistas e autor de vários livros exgotados... não é bonito debicar tanto as orelhas duns tantos respeitáveis senhores, com esse seu ar de poeta ladino e cusculheiro e irónico e travesso, com esse sorriso na bôca e esse olhar meio-sério meio-jocososo...

PURA VÁZQUEZ

A MENINA BONITA DE ORENSE



124

Pura Vázquez para a esquerda, Pura Vázquez para a direita, na «Vida Gallega» de Lugo, em «La Noche» de Santiago, uma «Autobiografía Sentimental» publicada aqui, alguns poemas insertos além... surgiu de repente e dentre tudo isso uma notícia ácerca da chegada da America do «nosa Purinha» que me deu a medida do que é Pura Vázquez no coração e no espírito duma grande camada de gente ledôra da Galiza.

Estava-me apeteendo conhecer melhor Pura Vázquez e a sua obra, quando entre um monte de cartas, livros e jornais chegados da Galiza, adrego ver de chofre um pacote um tanto desventrado dos maus tratos no correio e ostentando como remetente: Pura Vázquez, etc., que abri sofregamente e dentro do qual encontrei, com o conto e o poema que vão publicados neste Caderno, dois livros: «13 Poemas a Mi Sombra» e «Mañana del Amor» oferecidos com amáveis palavras de aplauso e apre-

ço. E virei-me sem mais aquelas a ler Pura Vázquez, a saborear Pura Vázquez.

A querida Poetisa Ourensana dirige na verdade aqueles 13 Poemas à sua sombra, à sombra fria, fiel e silenciosa de si mesmo, à sombra que a acompanha na vida por toda a vida e para toda a parte, andando pelas margens dos rios, subindo aos cumes, arrastando-se pelas planícies. E levando consigo, atrás de si, ao seu lado ou à sua frente, sempre pela mão, essa sombra, volve os olhos espantados e angustiados para o mundo, para a natureza, para o cosmos, e de tudo fala numa linguagem de grande isolada da Vida e do mundo, tendo apenas como auditora essa sombra que, imaterial e muda, incapaz de responder, a vai seguindo e à qual, insatisfeita, ela se vai dirigindo sempre, falando sempre a partir do momento em que lhe propoz a longa caminhada pelos caminhos a percorrer...

«...te llevaré de la mano...»

.....

«dialogaré contigo...»

«y mi corazon ensanchara su mundo,
su mar,
«su golpeada marea, su limo de so-
ledad...»

e a sua sombra sempre imaterial e muda confiará a resposta a elementos externos e extensos da vida...

«...tu seras la sumergida garganta
del viento,
la substancia transcendente. el um-
bral desperto
que responda a mi voz, a mi pre-
gunta,
a mi verbo frenetico...»

Pura Vázquez constituiu-se com a sua sombra o centro do mundo, de seu universo, e o diálogo sem resposta directa continúa animado, extravasante, ora lírico ora dramático, com uma unidade temática fremente e segura, manifestando surdos, íntimos, angustiosos anseios *como alucinante fluencia del cosmos*, E as duas irmãs gémeas, a artista e a sua inseparável sombra são, cosmicamente, como

«el susurro seco de la brisa que pasa la gota mínima que en la roca se pierde»
el latido del polvo concentrado
en un reloj pequeño llamado corazón.»

En «Mañana del Amor», novo livro e novo tema, Pura Vázquez deixa de estar a sós com a sua sombra, no mundo imenso e vasio em que as duas viviam irmanadas e solitárias, e a sombra dá lugar, liricamente, a um personagem novo, corpóreo e espiritual, para a realidade do qual se estendem os seus olhares, as suas mãos, a boca, os sentidos bem despertados, a alma toda entregue, numa dádiva total, anciosa, repleta de promessa e de realização. A dedicatória «A TI» é autêntica e o livro é na verdade uma manhã de amor pletórica de viço, vibrante e perfumada, com mil aspectos de florido lirismo, com corolas, núvens, águas irisadas misturando-se com as doces vibrações da carne e as mais perfumadas emanações do espírito. O amor é um apêlo:

«Latiente voz oculta en carne leve, abriéndose en pasión, la vida espera...»

«Nací de nuevo para ti...
Eres fruta y fuego esperado.»

«Que asombros y sorpresas decisivas en tumulto renuevan, por las cosas, celo nupcial de flor, dulzuras vivas!»

«Qué perfecta dulzura,
esta resurrección...»

«Llameas en mi vida,
leve ternura, infinito
cauce de sed sin nombre»

«Potencia obscura del deseo
raíz del sueño delicada,
poma en delicia del amor,
lumbres de vida que me aguardan.

«abridme todos los caminos
donde la vida fluye, clama!»

«¡Amor, vem tu,
sobre las viejas huellas y conténme!»

e sob o azul, no esplendor dionisiaco da manhã, o amor abre a sua corola sanguínea e fremente:

«¡Qué cansancios
De embriaguez me retienen
floreceda en el ancia, en el deseo!»

¡Que vértigo me nutre
de caricias las venas...»

e en «Pleamar del gozo» na plenitude:

«¡ Que pleamar en desvelo te señala
fuente de vida, lumbre que me dora...»

«¡ Oh, qué celeste corza de ternura
se hace luz y ave intacta de mi pecho,
labial temblor y aroma de barbecho,
pleamear del gozo, sin igual dulzura!»

«¡ Que puro gozo rondas, vienes,
envolviendo el mundo, el mar, la
noche!»

En mi sangre te instalas...»

«Tómame:
Um mediodia lento, dulce,
me queima entre mis rosas y me dora.

¡Qué olas de sueños, inefables,
multiplican el sol de mi delicia,
cando me entrego a ti
por el anhelo!»

O amor explende, levanta labaredas ardentes, entrelaça braços, embebe olhares brilhantes ou mortiços, ecôa em pulsações febris, atinge paroxismos, diluie-se em quebrantos, e «Mañana del Amor» é a sinfonia erótica mais una, mais indivisível, mais densa que se possa imaginar, duma vibração pouco vulgar, eco salomónico com langores árabes e requintes helénicos... sinfonia meridional ecoando ao Sol hispânico...

Posteriormente Pura Vázquez enviou-me outro livro, «Maturidade», que por falta de tempo para ser lido atentamente, não pode ser incluído nesta ligeira e talvez não muito generosa apreciação da sua obra, tanto mais que é trabalho com nova linha de projecção, quere pela natureza do lirismo quere pela língua empregue, o galego. Voltarei a Pura Vázquez no próximo «Caderno».

Oliveira Guerra